

O lugar da poesia de Agostinho Neto no despertar da consciência patriótica

by Jana Publication & Research

Submission date: 16-Sep-2025 11:57AM (UTC+0700)

Submission ID: 2692519020

File name: IJAR-53835.pdf (666.61K)

Word count: 5381

Character count: 27781

O LUGAR DA POESIA DE AGOSTINHO NETO NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA PATRIÓTICA

Resumo

Uma das finalidades da poesia é provocar o modelo instaurado. Muitas vezes, traz à tona os problemas da sociedade, surgindo outros olhares sobre determinado fato, fazendo um convite à reapreciação. No contexto da luta pela independência de Angola, Agostinho Neto socorreu-se dela para consciencializar as populações nativas para a aderência à luta de libertação nacional. A poética de Neto é vasta, no entanto, trazemos neste estudo três poemas, aqueles cujas temáticas circunscrevem-se em torno da revolução. A poesia engajada de Agostinho Neto reflete a multiplicação das formas de luta. Deste modo, embora se tratasse de uma poesia escrita em português, vale ressaltar que havia o recurso aos antropônimos e topônimos africanos, que são

signos que anunciam um patriotismo cultural. Assim, os poemas de Agostinho Neto traziam mensagens que se baseavam na compreensão da realidade circundante, uma realidade do nativo pobre e do colono burguês. Estes textos permitiam, ainda, o reconhecimento do «ser», a formação de identidade. Desta forma, a formação da consciência patriótica é a desconstrução da ideologia dominante, formulação de novas ideias a partir da experiência, que é um processo que ultrapassava a inatividade, substituindo em seu lugar a consciência reflexiva.

A poética de Neto contraria as concepções de construção de uma epopeia colonial. São igualmente testemunhos das desconstruções dos ideais de vanglória colonial, os textos de poesia engajada escrita por outros autores africanos mencionados no texto.

Palavras-chave: Poesia, independência, consciencialização, patriótica.

Neto poetics contradicts the conceptions of constructing a colonial epic. The engaged poetry texts written by other African authors classified in the text are also testimonies of the deconstructions of ideas of colonial vainglory. the engaged poetry texts written by other African authors mentioned in the text.

Keywords: Poetry, independence, awareness, patriotic.

INTRODUÇÃO

Nesta abordagem sobre a poesia de Agostinho Neto, torna-se necessário que se faça, em algumas linhas, uma nota biográfica. Assim sendo, António Agostinho Neto foi político, médico e escritor angolano. nasceu no dia dezassete de setembro de 1922, em Icolo e Bengo.

43 Percebeu, desde cedo, a diferença entre os meios rural e urbano. Disparidade explícita na vida dos
44 habitantes, atendendo a sociedade desigual promovida pela colonização. Entende-se que tal terá
45 influenciado, de certa forma, a sua escrita.

46 Sendo a poética netiana vasta, circunscrevemos o presente estudo em três poemas – *Adeus a hora da*
47 *largada*, *O Içar da Bandeira* e *Criar*. Privilegiamos estes para o presente artigo por se configurarem
48 relevantes, na nossa opinião pela forma como a reivindicação é explícita. Desta forma, é também
49 delimitação que fazemos.

50 Alertamos para o facto de os três poemas partilharem elementos comuns – a luta pela liberdade, a
51 projeção de uma nova nação. Isto permitiu que o artigo tivesse em abordagem elementos que se
52 leem como reiterados. Tal se deve a projeção dada aos poemas pelo próprio autor. Entretanto, não
53 desprimora a existência de especificidades em cada um deles, que merecem uma releitura.

54 A poesia engajada de Agostinho Neto é uma crítica ao modelo de governo colonial. Além dele,
55 havia outros autores angolanos que faziam textos na mesma perspetiva. Os poetas engajados
56 traziam nos seus textos os problemas da sociedade do seu tempo, para que a população tivesse
57 consciência dos mesmos, que os despertasse para o ideal nacionalista. São testemunho dessa
58 ideologia as reflexões contidas nos poemas de Agostinho Neto sobre racismo, fome, violência, etc.

59 Neste sentido, a consciencialização não ocorreu apenas aquando da luta armada de libertação
60 nacional, mas num processo anterior, que visava o despertar da consciência de cada nativo e que,
61 concomitantemente, conhecesse o valor de uma formação académica e ideológica, porque desta
62 forma estaria em melhores condições para ensinar outros a lutar por mais direitos. Era, pois,
63 necessário que se multiplicassem as formas de luta. Os meios estilísticos e modernos de luta
64 permitiram a criação e divulgação da mensagem. Tratava-se de uma luta por um patriotismo
65 cultural, pese embora feita em língua portuguesa, o que fazia do poeta um sujeito de dois mundos.

66 No entanto, encaixava outros elementos – desvios ao português padrão, recurso aos antropónimos e
67 topónimos africanos. Essas referências à tradição africana são, ao mesmo tempo, consolidação e
68 proteção do património cultural. Tais referências aparecem em poemas como «Kinaxixi» e
69 «Mussunda amigo».

70 Assim, os poemas de Agostinho traziam mensagens que se baseavam na compreensão da realidade
71 circundante e no reconhecimento do «ser», a formação da identidade. Desta forma, a formação da
72 consciência patriótica é a desconstrução da ideologia dominante, formulação de novas ideias a partir
73 da experiência; um processo que ultrapassava a inatividade, substituindo em seu lugar a consciência
74 reflexiva.

Apesar de o colono tentar aproximar as populações indígenas ao seu modo de vida através da língua e da escola, Agostinho Neto aproveitou-se disso para contrapor os ideais portugueses de colonização, de engrandecimento da nação portuguesa.

O processo de despertar os nativos é a consciencialização, definida por Lourenço, M. (2014, p. 257) como “[...] o acesso a consciência de aspectos da experiência excluídos da percepção consciente do sujeito”. Pode, ainda, ser considerado o processo didático que visava dar ao sujeito a noção de ser escravo, mas alimentado, utopicamente, que pode alterar o quadro e que pode ser autor do seu destino sem a subalternidade colonial.

Traçamos como objetivos compreender a dimensão patriótica e mobilizacional que Agostinho Neto teve para despertar a consciência dos nativos sobre a dominação colonial a partir dos seus poemas, e buscando diálogos com textos de outras obras. Tal é alcançável a partir da leitura dos textos selecionados que proporcionam o entendimento da dimensão reivindicativa de cada poema em análise.

São selecionados três (3) textos para este artigo, apenas os que apresentam um teor reivindicativo. Na sua leitura, às vezes, em algumas partes do texto, serão apenas usados alguns versos ou algumas estrofes, separados por uma barra. Neste caso, os versos ou estrofes em que se encontram as referências sobre o despertar da consciência patriótica são os objetos de análise.

1. A QUESTÃO DA HIERARQUIZAÇÃO DAS CULTURAS

A hierarquização cultural evidencia a existência de culturas superiores que outras. Os portugueses atribuíram aonativo a incompetência, considerando-a como um “dom”. E, para que essa incompetência se perpetuasse, aplicavam-se mais às políticas que agudizassem o analfabetismo, vedando o acesso à escola e demais ambientes de literacia. Desta forma, acentuava-se, igualmente, a exploração económica colonial. Aos nativos eram reservados os trabalhos do campo, domésticos e outros cujas práticas impediam o desenvolvimento de uma literacia leitora e reflexiva, como bases que ativassem as outras aprendizagens. “O sistema colonial é encarado como insubstituível e a cultura local como “naturalmente” inferior. [...] os habitantes da terra, sempre encarados como seres humanos inferiores ou até em estado de subumanidade” (Pavão, 2003, p. 339).

Para inverter o estado de sub-humano impingido ao negro, outros poetas africanos defensores da negritude rejeitavam tais concepções. Procuravam, desta forma, descrever nos seus poemas o “belo negro”, exaltando características positivas do homem negro. Veja-se, a título de exemplo, o poema Manifesto de José Craveirinha:

Oh! Meus belos e curtos cabelos crespos

109 E meus olhos negros insurrectos
110 Grandes luas de pasmo na noite mais bela
111 ()
112 E minhas maravilhosas mãos escuras raízes do cosmos
113 Oh! E meus dentes brancos de brancos de marfim espoliado
114 Puros brilhando na minha negra reencarnada face altiva¹

115 Tendo sido denegada toda a cultura negra, Fanon, (2018) fala sobre a existência de grupos humanos
116 sem cultura e deculturas hierarquizadas. Estas são concepções dos grupos humanos que se
117 sobrepõem a outros grupos, considerados subalternos.
118 Desta forma, são concretizações da hierarquização cultural fenômenos como o racismo, e que para
119 Fanon, (2018, p. 80) “O racismo, vimo-lo, não é mais do que um elemento de um conjunto mais
120 vasto: aopressão sistematizada de um povo”.
121 Sobre os opressores, Fanon (2018, p. 80) questionava “Como se comporta um povo que oprime?”.
122 Em resposta à sua pergunta, diz o seguinte:

123 Assiste-se à destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o
124 vestuário, as técnicas são desvalorizados [as]. [...] Na realidade, as nações que
125 empreendem uma guerra colonial não se preocupam com o confronto das culturas. A guerra
126 é um negócio comercial gigantesco etoda a perspectiva deve ter isto em conta. A primeira
127 necessidade é a escravização, nosentido mais rigoroso, da população autóctone. Para isso, é
128 preciso destruir os seus sistemas de referência. A expropriação, odespojamento, a razia, o
129 assassinio objetivo, desdobram-se numa pilhagem dosesquemas culturais ou, pelo menos,
130 condicionam essa pilhagem. O panorama social édesestruturado, os valores ridicularizados,
131 esmagados, esvaziados.

132 No processo de colonização os povos autóctones adaptam-se à cultura imposta. O colonizador
133 usando todos os artifícios, submete a dos nativos. Este processo tem efeitos psicológicos
134 irreversíveis. “Produz-se no nativo uma distorção na sua personalidade que se reflecte na vida
135 social, desequilibrando-a” (Kandjimbo, 2000 *apud* Rodrigues, 2013, p. 13).
136 Desta forma, sendo a África vítima dos fenômenos referidos por Fanon, entende-se, a partir daqui, o
137 contexto da produção dos textos de Agostinho Neto, abordagem que faremos a seguir.

138

139 2. CONTEXTO DA PRODUÇÃO DOS TEXTOS ESCOLHIDOS

140

¹Craveirinha, José, *Manifesto*. Disponível em: <https://sites.google.com/site/ciberlusofonia/Lit-Afric-de-Ling-Port/Lit-Mocambicana/Craveirinha/h.yvma6v60e4hy> . Acesso, 26/05/2022).

141 No século XV alguns povos europeus expandiram-se pelo mundo. Esta expansão que primeiro se
142 fundamentou pela troca de produtos e relações de amizade, mais tarde, em África, viria a sofrer
143 metamorfoses – o tráfico de escravos, submissão dos povos autóctones. Assim, a região que hoje
144 compreende Angola foi visada neste processo.

145 Rodrigues(2013, p. 9) refere que

146 ³ Ao longo dos anos e dos séculos, a colonização criou, sob a égide do “trabalho de civilização”, situações de
147 discriminação racial e assimilação forçada e desencadeou a alienação total dos povos
148 colonizados. A negação da liberdade, a imposição de uma língua desconhecida, de um
149 regime político opressor e de outros valores são apenas alguns dos artifícios usados pelos
150 colonizadores para retirar o que é vital para a sobrevivência de um povo: a sua identidade.
151 Os povos colonizados foram, aos poucos, assim, destituídos de qualquer referência cultural
152 própria e condicionados cultural e civilizacionalmente.

153 Como se pode compreender na história de Angola, o processo da conquista da liberdade é anterior a
154 Agostinho Neto. No entanto, sendo a colonização secular, Agostinho Neto nasce e cresce no mesmo
155 contexto. Foi daí que a necessidade de liberdade lhe leva aos trilhos da revolução.

156 Assim, a conquista da liberdade não passava pela consciencialização, uma fase que permitia a
157 compreensão das dificuldades vividas, da percepção da pobreza que circundava as populações.

158 Pode-se assim afirmar ¹³ que a poesia de Agostinho Neto nasce num contexto de opressão face a
159 colonização portuguesa, tempo e espaço em que se legitimou o racismo e a apropriação indevida
160 das terras africanas. Agostinho Neto observa a distorção da identidade de seu povo, que se
161 concretizou na destruição dos valores culturais. Assim sendo, a contraposição da ordem colonial
162 estabelecida compreendeu a reivindicação, colocando-se numa posição de sujeito da sua própria
163 história (Rodrigues, 2013).

164 Laranjeira, p. (1995, p. 92) apresenta mais razões sobre os contextos da poesia de Agostinho Neto
165 quando caracteriza a sua obra Sagrada Esperança,

166 Nele se encontram os temas da alienação social, cultural e política, da exploração
167 económica, da repressão policial e política, da miséria e do analfabetismo, da prostituição e
168 do alcoolismo, do trabalho e da solidariedade, do amor e da esperança, do exílio e da
169 nostalgia, da revolta, prometeísmo e revolução.

170 A referida obra, comparada a um texto poético épico (com as devidas distâncias temporais e
171 contextuais a admitir), incita o povo angolano para a conquista da independência (Laranjeira, Pires,
172 1995). Nesta senda, usando a literatura como arma, Agostinho Neto contesta a ordem estabelecida
173 há séculos, que glorificava o império colonial, influenciando a tomada de consciência do “ser”

174 negro enquanto humano e proprietário do “palco” em que a injustiça se estabelece, e daí a
175 necessidade da liberdade.

176 Dão-se desta forma indícios da restituição de identidade através da literatura, nomeadamente a
177 poesia, a forma privilegiada de Neto.

178 Por outro lado, além da consciencialização dos nativos a abraçar a luta pela independência, os
179 poemas de Agostinho Neto visavam igualmente o próprio colono, apelando-o a adotar o
180 humanismo.

181 Os seus poemas por serem escritos nos contextos já referidos, contrariavam pretensões coloniais;
182 defendiam, valorizavam e exaltavam os povos africanos. É neste sentido que Carter, J. Elizabeth
183 (2014, p. 347) afirma que “A matéria-prima com que o fundador da República de Angola construiu
184 o seu universo poético foi a realidade sociopolítica da sua terra natal [...]”.

185

186

187 3. ANÁLISE DOS TEXTOS ESCOLHIDOS

188

189 A literatura foi, por excelência, o meio para a difusão dos ideais de liberdade (Lima, 2013). Assim,
190 havendo várias tipologias de textos literários de *combate*, neste estudo circunscrevemo-nos à poesia.
191 Assim, entende-se por poesia de *combate* aquela que é de cunho revolucionário, com fins
192 sociopolíticos. São textos que apontam para a consciencialização e reivindicação. É entendida como
193 aquela poesia em que se dá lugar às questões ideológico-revolucionárias. Aquela que, na época
194 colonial, idealizou a liberdade dos povos oprimidos. Ou, ainda, a literatura que, usando uma
195 linguagem própria, mobilizou os nativos para aderir a luta de libertação contra o colono, trazendo à
196 tona os males do colonialismo europeu.

197 Além da poesia há outros textos desta literatura de combate ou protesto (contos e romances),
198 escritos por outros autores angolanos. É o caso das *Aventuras de Ngunga*, uma obra que relata as
199 várias formas em que foi feita a ação pedagógica para o despertar da consciência patriótica durante
200 a luta de libertação. Como numa peça teatral em que os espectadores se revêm, “Suas personagens
201 vão nos apresentando todos os desafios enfrentados pelo movimento para o despertar da consciência
202 da sociedade de acordo com o seu ideal nacionalista. O conhecimento de tais obstáculos aparece nos
203 diálogos, conflitos e reflexões dos guerrilheiros ficcionais;” (Lima, 2013, p. 1). Assim, a partir da
204 leitura das obras com esse teor, o nativo tomaria consciência da colonização e daí a necessidade de
205 adotar técnicas para se libertar. O carácter didático das referidas obras facilitava a sua compreensão.
206 Essa literatura, “Tendo sido especificamente gerada pela luta ideológica em Angola e de fim
207 essencialmente revolucionário, a poesia de Agostinho Neto pertence a esta categoria global de
208 literatura de protesto” (Carter, J. Elizabeth, 2014, p. 347). Essa literatura apresenta o texto de

209 acordo a projeção do seu autor, evitam-se os “mascaramentos”. A poesia engajada feita por Neto
210 apresenta uma elocução geralmente concreta. No entanto, atualmente, surgem críticas de teóricos
211 que defendem o seu carácter efêmero, porque, tendo como finalidade a modificação de
212 determinadas condições que inspiraram a sua produção, o mesmo (texto) deixaria de ter valor.
213 Ainda assim, os textos podem ser vistos sobre várias perspetivas – histórico, literário, político.
214 (Carter, J. Elizabeth, 2014). Assim sendo, não mais havendo a finalidade política, por exemplo, nos
215 textos de Agostinho Neto, sobram os aspetos histórico e literário.
216 A seguir, vamos proceder a análise do poema «Adeus à hora largada», de Agostinho Neto. Faremos
217 uma releitura que nos permitirá compreender a sua dimensão reivindicativa.

218 **1**
219 **Adeus à hora largada, de Agostinho Neto**

220 Minha Mãe
221 (todas as mães negras cujos filhos partiram)
222 tu me ensinaste a esperar
223 como esperaste nas horas difíceis
224
225 Mas a vida
226 matou em mim essa mística esperança
227 Eu já não espero
228 sou aquele por quem se espera
229 Sou eu minha Mãe a esperança somos nós
230 os teus filhos
231 partidos para uma fé que alimenta a vida
232
233 Hoje
234 somos as crianças nuas das sanzalas do mato
235 os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
236 nos areais ao meio-dia
237 somos nós mesmos
238 os contratados a queimar vidas nos cafezais
239 os homens negros ignorantes
240 que devem respeitar o homem branco
241 e temer o rico
242 somos os teus filhos
243 dos bairros de pretos
244 além aonde não chega a luz elétrica
245 os homens bêbedos a cair
246 abandonados ao ritmo dum batuque de morte
247 teus filhos
248 com fome
249 com sede

250 com vergonha de te chamarmos Mãe
251 com medo de atravessar as ruas
252 com medo dos homens
253 nós mesmos
254
255 Amanhã
256 entoaremos hinos à liberdade
257 quando comemoramos
258 a data da abolição desta escravidão
259 Nós vamos em busca de luz
260 os teus filhos Mãe
261 (todas as mães negras
262 cujos filhos partiram)
263 Vão em busca de vida
264

265 UMA LEITURA

266 Este poema de Agostinho Neto expressa várias perspectivas - o princípio, o adeus, o rapto, a ida para
267 um lugar desconhecido e a formação de novos mundos. Estas perspectivas concretizam-se a partir do
268 momento em que um filho deixa a sua terra natal, seu ser, sua cultura, seu conhecimento do mundo,
269 sua família, e é levado para o contrato.

270 O verso «Minha Mãe», “como segunda pessoa - que serve de interlocutor mudo da narração”
271 (Melo& Marques, 2014, p. 361), o destinatário, refere-se à mãe enquanto pátria.

272 Considerando este poema como uma introdução, seu desenlace dá-se com o poema «Havemos de
273 Voltar», espaço em que o sujeito poético expressa a esperança de rever a sua terra independente, na
274 restituição da situação anterior anunciada no poema «Adeus à hora da largada».

275 A terceira estrofe é a autoidentificação (próprio de um poema confessional). Os vários sujeitos que
276 clamam perfazem a metáfora da pátria, o todo pelas partes, que são os vários filhos de uma mãe
277 (pátria), crianças pobres e adultos escravizados «a esperança somos nós/somos as crianças nuas das
278 sanzalas do mato/somos os teus filhos/nós vamos em busca da luz» estabelecidos em diferentes
279 espaços «os garotos sem escola a jogar a bola de trapos /nos areais ao meio-dia /somos nós
280 mesmos/os contratados a queimar vidas nos cafezais».

281 Como se pode notar, «Há como que uma colectivização do sujeito de enunciado e, a partir daqui o
282 poema deixa ser uma voz pessoal para se tornar um coro uníssono» (Melo&Marques, 2014, p.
283 363). Trata-se, neste sentido, da voz do povo. Anuncia-se de igual modo a sua situação de
284 precariedade, de pobreza e de estratificação entre os moradores dos bairros asfaltados e dos
285 musseques «somos os teus filhos/dos bairros de pretos/ além aonde não chega a luz elétrica/ teus

286 filhos/com fome/com sede». Estes versos dão a noção de quem conhecia bem a realidade e por isso
287 a descrevia com um engenho incomum. É o caso da referência que faz aos bairros dos pretos, sem
288 luz elétrica. Tal induz a existência de um signo oposto, aonde existe luz elétrica – os bairros da elite
289 colonial.

290 Quanto a estratificação social, Pavão (2003, p. 339) diz:

291 Nas cidades, viviam nos musseques, isolados do mundo dos brancos colonizadores,
292 aglomerados em péssimas habitações, sem nenhuma higiene ou conforto. Já no campo,
293 viviam explorados pelos brancos, que foram tomando posse das terras que representavam
294 seu lar e sustento, passando a servir de mão-de-obra que só aumentava a riqueza dos
295 colonizadores.

296 A última estrofe consola a mãe que fica e vê um filho que parte com a esperança de um possível
297 reencontro, que, num amanhã, ainda que longínquo, entoar-se-iam hinos à liberdade e comemorar-
298 se-ia o fim da escravidão. Os hinos à liberdade e o fim da escravidão seriam, neste sentido,
299 assuntos do passado, ali onde se tinha partido e entoado cânticos tristes, «Fatigados/esgotados de
300 trabalhos/mas cantam». (Vide poema *Contratados*).

301 O sujeito poético inclui-se no sofrimento, num desespero provocado pelo contexto de uma
302 separação forçada.

303 No último verso da última estrofe, atente-se para o uso do paradoxo – os filhos que partiram como
304 escravos «Vão em busca de vida». Lê-se como paradoxo porque a noção de escravidão se
305 compactua com castigo e morte. No entanto, entende-se «busca de vida» como sinónimo de
306 independência.

307 Depois deste poema, apresentamos, a seguir, outro poema, «O Içar da Bandeira», de Agostinho Neto,
308 cuja finalidade é a compreensão do despertar da consciência patriótica dos nativos.

309 **7**
***O Içar da Bandeira*, de Agostinho Neto**

310 Quando voltei
311 as casuarinas tinham desaparecido da cidade

312 E também tu
313 Amigo Liceu
314 voz consoladora dos ritmos quentes da farra
315 nas noites dos sábados infalíveis

316 Também tu tinhas desaparecido
317 e contigo
318 os intelectuais
319 a Liga
320 o Farolim

321 as reuniões das Ingombotas
322 a consciência dos que traíramsem amor

323 Cheguei no momento do cataclismo matinal
324 em que o embrião rompe a terra humedecida pela chuva
325 erguendo a planta resplandecente de cor e juventude

326 Cheguei para ver a ressurreição da semente
327 a sinfonia dinâmica do crescimento da alegria
328 nos homens

329 E o sangue e o sofrimento ⁵
330 eram umacorrentetormentosa que dividia
331 a cidade

332 Quando eu voltei
333 o dia estava escolhido
334 e chegava a hora

335 Até o riso das criançazinha desaparecido
336 e também nós
337 meus bons amigos meus irmãos
338 Benge, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel
339 e quem mais?
340 – centenas, milhares, de vós amigos
341 alguns desaparecidos para sempre
342 para sempre vitoriosos na sua morte pela vida

343 Quando eu voltei
344 qualquer coisa gigantesca se movia na terra
345 os homens nos celeiros guardavam mais
346 os alunos nas escolas estudavam mais
347 o sol brilhava mais
348 ¹⁰avia juventude calmanos velhos
349 mais do que esperança era certeza
350 mais do que bondade era amor

351 Os braços dos homens
352 a coragem dos soldados
353 os suspiros dos poetas ⁸
354 Todos tentavam erguer bem alto
355 Acima das lembranças dos heróis
356 Ngola Kiluanji
357 Rainha Ginga
358 Todos tentavam erguer bem alto
359 a bandeira da independência

360 **UMA LEITURA**

361 O poema *Içar da Bandeira* é a metáfora da independência. Mas uma independência que se almeja.
362 Assim, embora as formas verbais se apresentam no passado «Quando eu voltei» anuncia um
363 momento porvindo. É a realização da “revelação apocalíptica” anunciada nos versos «sou aquele
364 por quem se espera/entoaremos hinos à liberdade/quando comemorarmos/a data da abolição desta
365 escravatura», todos do poema «Adeus à hora da largada». É a concretização de um projeto. As
366 sementes brotaram rebentos novos numa terra já fertilizada. Trata-se de um porvir. Entretanto, o
367 valor deste poema prevalece no sentido de ser uma mensagem de esperança e de apelo à revolução.
368 Porque o anunciado é ainda um sonho. É uma mensagem ideológica, de força. Sendo um apelo à
369 revolução, explicita as razões da luta, como numa imagem, é o retrato de um dia.
370 Lê-se na última estrofe, a invocação dos reis Ngola Kiluanji e Rainha Nzinga, o que se entende
371 como invocação à ancestralidade. Entende-se, ainda, e como já afirmámos, que o processo da luta
372 pela independência é anterior a Agostinho Neto.
373 A referência aos nomes dos amigos e irmãos como Liceu, Bengue, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel,
374 desaparecidos; a ausência das reuniões nas Ingombotas, são a imagem da terra que continuava sob o
375 domínio colonial e que, por consequência, levava a perda da identidade. Deste modo, apelam a
376 tomada da consciência para a revolta.
377 Há, ainda, o anúncio do que viria a ser o pós-independência, quando os filhos da terra tomariam
378 dianteira do seu projeto de país. Tal se vê na nona estrofe – haveria fartura de alimentos, redução do
379 analfabetismo, o sol brilharia mais. O brilhar do sol é tomado aqui como o signo de prosperidade,
380 do renascer. É, na verdade, o predizer de uma paz efetiva.
381 Finalmente, chega-se a ideia de que a mensagem do poema é uma ação por se realizar pelo simples
382 fundamento espaciotemporal da sua produção, Cadeia do Aljube, Lisboa, 1960. E, tal se tornou uma
383 “utopia realista” no dia 11/11/1975.
384 Damos a ler, por fim, o poema «*Criar*», de Agostinho Neto, espaço em que se exprime a esperança,
385 a necessidade de mudança.

386 ***Criar, de Agostinho Neto***

387 2
388 Criar
389 Criar criar
390 criar no espírito criar no músculo criar no nervo
391 criar no homem criar na massa
392 criar
393 criar com os olhos secos
394 Criar criar
395 sobre a profanação da floresta
396 sobre a fortaleza impúdica do chicote
397 criar sobre o perfume dos troncos serrados

398 criar
399 criar com os olhos secos
400 Criar criar
401 gargalhadas sobre o escárneo da palmatória
402 coragem na ponta da bota do roceiro
403 força no esfrangalhado das portas violentadas
404 firmeza no vermelho sangue da insegurança
405 criar
406 criar com os olhos secos
407 Criar criar
408 estrelas sobre o camartelo guerreiro
409 paz sobre o choro das crianças
410 paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato
411 paz sobre o ódio
412 criar
413 criar paz com os olhos secos
414 Criar criar
415 criar liberdade nas estradas escravas
416 algemas de amor nos caminhos paganizados do amor
417 sons festivos sobre o balanceio dos corpos em forcas
418 simuladas
419 criar
420 criar amor com os olhos secos
421
422

UMA LEITURA

425 Além da noção do sofrimento que os poemas de Agostinho Neto explicitam, felizmente, não se
426 olvida da esperança do fim da escravatura, daí os poemas *Criar*; Havemos de voltar, onde se
427 exprime a esperança, a necessidade de reverter a situação, pelo trabalho. Há a nostalgia
428 expressa pelo uso de instrumentos musicais do património cultural africano como a marimba e o
429 kisanje como que se entende como metáfora da terra. Relembra e evoca a necessidade
430 do estabelecimento da ordem perdida, mas alcançável por meio de luta, pelo envolvimento de
431 todos os filhos da terra.
432 Aqui, traz-se a mensagem de esperança, a necessidade da construção de uma nova terra, sob novas
433 condições, com menos sofrimento, criar na paz, sem lágrimas de sofrimento, «criar paz com os
434 olhos secos», que é o símbolo de coragem.
435 Agostinho Neto sempre teve em conta os diferentes estratos sociais. Porque se tratava de um
436 sofrimento comum. Assim, todos encontram o seu espaço retratado na sua poesia. Por exemplo,
437 sabendo o estado de pobreza em que as crianças estavam inseridas, apela que depois da luta
438 houvesse «paz sobre o choro das crianças». Aqui, as crianças são a representação do povo
439 subalternizado e o choro tomado como pobreza. Assim, a necessidade de criar visava evitar o choro
440 pela ausência de recursos, de fome, de nudez, de sede, em suma, de um sofrimento provocado pelas
441 más políticas coloniais.

442 Outros estratos sociais que a poesia de Agostinho integra, além da infância, são a mulher e os
443 velhos. Como diz Mendonça (2014, p. 242) “A poesia de Agostinho Neto clama por justiça para a
444 mulher angolana, um ser que no poema «Quitandeira» se lamenta desta forma: «tudo tenho dado//
445 Até mesmo a minha dor/ e a poesia dos meus seios nus/ entreguei-a aos poetas»”.

446 Quanto a velhicediz o seguinte: “[...] No poema «Velho Negro», este aparece-nos «Reduzido a
447 farrapos [...] // Velho farrapo / negro / perdido no tempo e dividido no espaço ...» «A velhice vem
448 cedo // Uma esteira nas noites escuras / basta para ele morrer”. (Mendonça, 2014, p. 242).

449 Sendo todo o povo vítima do sistema colonial, o poema vem anunciar o fim da escravatura. É a
450 projecção de um país pós-colonial, que dá a noção de que após a luta, haveria necessidade de se
451 trabalhar, produzir e garantir melhores condições de vida para todos.

452 Para Martinho (2014, p. 143), o poema «Criar» é “[...] usado com valor imperativo, [...]”. O acto de
453 «criar» para que insistentemente o sujeito apela, e com uma urgência que não admite demoras ou
454 hesitações, cresce em oposição a forças de destruição, de «profanação», de violência, de «ódio»”.

455

456 CONSIDERAÇÕES FINAIS

457

458 Finalmente, sob o signo negritude, a poesia de Agostinho Neto exprime a defesa do humanismo
459 negro, trazendo o seu reconhecimento como “ser” em pé de igualdade de qualquer homem. É uma
460 poesia de incentivo à luta pela liberdade, de criação de nova nação, de esperança e de amor à pátria.
461 Exalta o ser negro, as suas terras, o seu património cultural material e imaterial.

462 É uma poesia que visava o alçar de uma cultura, da afirmação da identidade do homem negro, pela
463 luta e pelo trabalho.

464

465 REFERÊNCIAS

466 CARTER, J. Elizabet. «O patriota como poeta: Agostinho Neto e a sua arte». In Pires Laranjeira e
467 Ana T. Rocha (Org.). in *A noção do ser. Textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*,
468 Luanda, Fundação Dr. António Agostinho Neto, pp. 359 – 358, 2014.

469 FANON, Frantz. «Racismo e Cultura». In Ferreira francisco Pontes de Miranda e Santos Leonardo
470 Soares (Org.). *Revista convergência crítica*, n.º 13. ISSN 2238-9288, 78-90, 2018.

471 LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Lisboa, Universidade
472 Aberta, 1995.

473 LIMA, Priscila Henriques, «Literatura de guerrilha: a ideologia do MPLA na obra As Aventuras de
474 Ngunga e a proposta de construção de uma nação angolana». In XXVII Simpósio Nacional de
475 História, 22 – 26 de Julho de 2013.

476 LOURENÇO, Manuel. «O desenvolvimento da consciência em Sagrada Esperança». In A noção do
477 ser. Textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto, Luanda, Fundação Dr. António Agostinho
478 Neto, pp. 257 – 270, 2014.

479 MARTINHO, F. B. «Agostinho Neto, poeta. A poesia do fundador da República Popular de Angola
480 foi a voz da sagrada esperança do seu povo». In *A noção do ser. Textos escolhidos sobre a poesia
481 de Agostinho Neto*, Luanda, Fundação Dr. António Agostinho Neto, pp. 139 – 153, 2014.

482 MELO, M. Virgínia & MARQUES, M. Teresa. «Agostinho neto: perfil de um poeta lutador». In *A
483 noção do ser. Textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Luanda, Fundação Dr. António
484 Agostinho Neto, pp. 359 – 402, 2014.

485 MENDONÇA J. Luís. «Sagrada Esperança de Agostinho Neto. Do desfile de sombras para
486 amanhecer da justiça social, uma poética do desenvolvimento africano». In *A noção do ser. Textos
487 escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Luanda, Fundação Dr. António Agostinho Neto, pp.
488 239 – 248, 2014.

489 PAVÃO, Suzana Rodrigues. «O desenvolvimento da consciência nacional em Sagrada Esperança».
490 In *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, pp. 337-347, 1º sem., 2003.

491 RODRIGUES, C. I. Silva. *A renúncia impossível de Agostinho Neto - um novo discurso poético,
492 intertextualidades e alcance pedagógico*. Dissertação de Mestrado em Literatura de Língua
493 Portuguesa. Universidade de Coimbra, 2013.

494

495 Sítios:

496 CRAVEIRINHA, José, Manifesto. [Em linha]: [https://sites.google.com/site/ciberlusofonia/Lit-](https://sites.google.com/site/ciberlusofonia/Lit-Afric-de-Ling-Port/Lit-Mocambicana/Craveirinha/h.yvma6v60e4hy)
497 [Afric-de-Ling-Port/Lit-Mocambicana/Craveirinha/h.yvma6v60e4hy](https://sites.google.com/site/ciberlusofonia/Lit-Afric-de-Ling-Port/Lit-Mocambicana/Craveirinha/h.yvma6v60e4hy) . Acesso, 26/05/2022.

498 NETO, Agostinho, A Deus a hora da largada. [Em linha]: [https://agostinhoneto.org/poesias/adeus-a-](https://agostinhoneto.org/poesias/adeus-a-hora-da-largada/)
499 [hora-da-largada/](https://agostinhoneto.org/poesias/adeus-a-hora-da-largada/). Acesso, 31/05/2022.

500 NETO, Agostinho, *O Içar da bandeira*. [Em linha]: [https://agostinhoneto.org/poesias/o-icar-da-](https://agostinhoneto.org/poesias/o-icar-da-bandeira/)
501 [bandeira/](https://agostinhoneto.org/poesias/o-icar-da-bandeira/). Acesso, 31/05/2022.

502 NETO, Agostinho, *Criar*. [Em linha]: <https://agostinhoneto.org/poesias/criar/>. Acesso, 31/05/2022.

503

504

505

UNDER PEER REVIEW IN IJAR

O lugar da poesia de Agostinho Neto no despertar da consciência patriótica

ORIGINALITY REPORT

15%

SIMILARITY INDEX

15%

INTERNET SOURCES

5%

PUBLICATIONS

11%

STUDENT PAPERS

PRIMARY SOURCES

1	www.institutoclaro.org.br Internet Source	4%
2	docplayer.com.br Internet Source	3%
3	pt.scribd.com Internet Source	2%
4	html.pdfcookie.com Internet Source	1%
5	www.club-k.net Internet Source	1%
6	www.repositorio.unilab.edu.br:8080 Internet Source	1%
7	Submitted to Koc University Student Paper	<1%
8	d1a5101f-6678-4357-ae60-cf11f9688a26.filesusr.com Internet Source	<1%
9	docslib.org Internet Source	<1%
10	edisciplinas.usp.br Internet Source	<1%
11	folhadepoesia.blogspot.com Internet Source	<1%

12	Internet Source	<1 %
13	dokumen.tips Internet Source	<1 %
14	kukalesa.wordpress.com Internet Source	<1 %
15	repositorio.ufpb.br Internet Source	<1 %
16	repositorio.unb.br Internet Source	<1 %
17	transparencia.gov.pt Internet Source	<1 %
18	repositorio.ufsc.br Internet Source	<1 %
19	Marília Prado. "Deslocamentos e fronteiras: um estudo etnomatemático com haitianos em uma escola pública de São Paulo", Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA), 2022 Publication	<1 %
20	hdl.handle.net Internet Source	<1 %
21	guaiaca.ufpel.edu.br:8080 Internet Source	<1 %

Exclude quotes On

Exclude matches Off

Exclude bibliography On